



FRONTERAS
33º CONGRESO
LATINOAMERICANO
DE PSICOANALISIS

PRIMER CONGRESO
VIRTUAL FEPAL 2020

OCTUBRE
2020



«Precisas mudar de vida». A arte como fronteira do corpo.

Gabriela Goldstein: Buenos Aires, Argentina; agosto 2020

Tradutor: Professor Sirlei Reginatto, Buenos Aires, Argentina.

Unicamente quem soubesse contemplar o seu próprio passado como um produto da coação e da necessidade, seria capaz de tirar o maior proveito para si em qualquer situação presente. Pois o que cada um viveu é, no melhor dos casos, comparável a uma bela estátua que perdeu todos os seus membros ao ser transportada e já somente oferecesse agora o valioso bloco em que cada um deverá cinzelar a imagem do seu próprio futuro.* «Torso», Direção única (1928) de Walter Benjamin
?*Tradução Livre

A pergunta pelas diversidades e as suas enunciações continua pulsando, entre um termo superficialmente usado, e a dimensão escandalosa que pode tomar ao aparecer como núcleo de outra possibilidade, outra coisa, outra opção. A Arte na potência da sua eficácia, expõe esta dimensão, entre ambígua e determinante.

Entretanto, não há criatividade sem limite. Não há sujeito ilimitado. Qual é o limite da arte como corpo da obra? Onde estão as fronteiras? Ninguém sabe o que pode um corpo, (parafrazeando Spinoza) nem o que pode a arte. Perguntamo-nos pelas enunciações das diversidades sexuais. Entre a arte e a psicanálise. Entre 2 esculturas famosas, o “Torso de Apolo” e “Hermafrodita”, a estratégia da arte expõe na sua dimensão de potencialidade transformadora. Mas pensamos que a arte se expõe a si mesma, não se impõe... deixa-se dizer algo, o corpo que se revela a si mesmo com uma plena potência das obras. A coisa na sua plenitude não deixa de falar-nos.

“Precisas Mudar de Vida”, é a voz que Rilke escuta diante do Torso de Apolo no Louvre. A escultura lhe sugere... esta enigmática advertência que aparece no final do seu famoso poema "Torso arcaico de Apolo". Essa frase se transforma no título do livro do filósofo alemão Peter Sloterdijk na qual toma essa vivência de Rilke, para postular uma defesa das “práticas” do indivíduo e da sociedade, baseada no que denomina a “auto formação” de todo o humano, onde as atividades individuais e os coletivos agem sem cessar sobre cada um deles.

“Precisas mudar tua vida”. Significa mudar tua vida e escolher a nossa identidade sexual? Ou estamos compelidos por algo inconcluso? É a violência inicial de um encontro com o Outro que nos impõe o enigma das fórmulas da sexualização ou os significantes não codificados da cultura nos impõe um giro genérico? A arte, ao contrário, no seu modo de enunciação na poesia, na escultura como diz na letra de Rilke, não se impõe, se expõe e produz efeitos incalculáveis, múltiplas enunciações universais e singulares, para cada um. Há uma forma de violência neste enunciado que tomamos? Ou é a escuta do poeta que escuta uma voz inconsciente? Ou um imperativo do ideal? Entretanto, algo diz e na sua essência a arte é bissexual e ao mesmo tempo é uma produção que toca o núcleo do ser, o sexual e a castração em um modo de encontro particular com o real. Adverte-se que algo provém do objeto da arte: a obra cobra vida. O objeto se tornou significativo. Neste trabalho está implícito o reconhecimento de um certo desvalimento; o peso real dessa experiência não é a borda de um abismo, senão o umbral de si-mesmo. Esse processo de fazer obra tem uma lógica construtiva, que incorpora algo do inefável, do irrepresentável e do não integrado, do mundo, e da própria posição sexualada.



FRONTERAS
33º CONGRESO
LATINOAMERICANO
DE PSICOANALISIS

PRIMER CONGRESO
VIRTUAL FEPAL 2020

OCTUBRE
2020



No nosso tema ilumina outra obra: Hermafrodita dormindo, que está no Louvre, obra do famoso escultor Gian Lorenzo Bernini. Na arte o real aparece velado. Ou isso nos toma por surpresa olhado de lado vemos um belo torso como de Apolo, mas se giramos ao redor de outra perspectiva é uma mulher, mas, depois olhando obliquamente, vemos o que não se pode ver, a hermafrodita, homem e mulher. Filho de Apolo e Afrodita agora se apresentam na cena da experiência estética da arte e talvez nos permite um modo de pensar os enunciados das diversidades para psicanalista.

É a clínica na atualidade que dá conta de uma íntima relação entre a experiência estética e a experiência psicanalítica. Portanto, o objeto da arte que não elude a dimensão de uma poética da castração simbólica. Nesta zona de borda entre o proibido e o permitido, entre o ser e o ter sido, emerge também o sujeito como obra. “A experiência estética”, é um encontro com o objeto enquanto objeto ambíguo,. Trata-se de um “possível encontro” com o real. O objeto ambíguo característica essencial dos objetos da arte em seu potencial multivocidade, questiona-nos e relança, por meio da arte, uma função metaforizante. Algo assim como na experiência psicanalítica.